

## ENTREVISTA A ANA SOFIA LEITÃO

**Ana Sofia Leitão, escritora e jornalista, passou pela nossa escola por ocasião da Semana da leitura. O Mocho aproveitou a ocasião para saber algo da natureza da sua actividade**

**Mocho: O que a apaixonou na escrita?**

**Ana Sofia Leitão:** Eu acho que a escrita é um mundo por descobrir. Completamente! E acho que é isso que deixa as pessoas apaixonadas. Há muitos registos, muita coisa para contar e apesar de já tudo estar escrito e dito, há muita gente a escrever sobre tanta coisa. Há sempre mais alguma coisa a dizer e acho que é isso que fascina as pessoas que gostam de escrever. Acho que é um mundo por explorar, não acaba, um universo infinito, nada se cria, tudo se transforma. Acho que é um bocado disso.

**M: Com que idade começou a escrever?**



A escritora apresentou o seu livro "Os Três Amigos Sonâmbulos".

**ASL:** Escrever livros? É assim: eu comecei a publicar e sou jornalista de formação e comecei a trabalhar como jornalista com 19 anos e agora tenho 35.

Entretanto, antes de começar a escrever livros tinha muitos na gaveta, muita coisa, muitos papéis, e os rapazes e raparigas que aqui estiveram têm coisas na gaveta que não mostram. Até mostrava na escola e nos concursos literários e ganhava medalhas, até ganhei um concurso de poesia. Eu não percebia nada de poesia, mas pronto, lá ganhei com uns versos que fiz. Mas nunca me apetecia entrar naquela corrida de correr às portas das editoras.

Tenho uma filha de 5 anos. Quando ela nasceu e cresceu mais um bocado – um aninho – comecei a inventar aquelas histórias para a entreter e comer a sopa – algo que me fez despertar para a realidade da literatura infantil.

Um certo dia no almoço num restaurante história muito bonita, mas foi o que aconteceu almoçar com ela e ela começou a fazer uma tinha que lhe contar uma história para parar a a gente estava a olhar para ela! Começou um livro. Por acaso não foi o primeiro, foi amigos sonâmbulos” e ela começou a rir e lá Uma das personagens do livro é um menino

**“Tenho uma filha de cinco anos. Quando ela nasceu e cresceu mais um bocado – um aninho – comecei a inventar histórias para a entreter a comer a sopa.”**

– isto não é uma – estava a birra e eu então birra porque toda então a nascer esse, “Os Três comeu a sopa. chinês. Foi

inspirado precisamente num senhor que andava a circular a servir às mesas, não é chinês mas é completamente oriental. Quando procuramos fontes de inspiração também nos podemos inspirar nas coisas do dia-a-dia e na vida. Olhei para o lado e o outro menino era inglês e aquele chinês. Claro que não construí a história toda durante a mesa de almoço porque entretanto ela começou a comer a sopa. Simultaneamente tinha acabado de editar outro livro – que foi o primeiro – numa editora local de Viseu, um livro em verso com desenho para os meninos irem para o jardim-escola. E como tinham oportunidade de editar esse livro, comecei por acabar de concluir este, e resolvi acabar por bater às portas por uma editora que o publicasse. Apareceu uma que foi mais receptível ao livro, houve algumas críticas positivas e foi assim que o publicaram.

Vários autores convidaram-me para participar num livro conjunto cujas vendas reverteriam para uma instituição de caridade. Eu aceitei. Era para trazer um exemplar, mas estavam esgotados. Agora tenho outras coisas na calha, mas tudo depende da abertura das editoras para publicar o livro.

**M: A sua actividade de jornalista influenciou de algum modo a sua actividade de escritora?**

**ASL:** Olha, nada! Pelo contrário. Porque, como são registos muito diferentes, a escrita não tem nada a ver, tenho que separar completamente as duas áreas; acho que jornalista fica numa gaveta e escritora fica noutra. Claro que um

jornalista tem que escrever bem. Para mim é fundamental; pode não ser um bom repórter, mas pode ser um bom jornalista ficando sentado a escrever textos complexos. E o repórter tem de ter aquela veia fundamental.

Eu cá não sou grande repórter porque gosto mais de trabalhar na escrita do que propriamente andar ali a investigar mas também já fiz reportagens, mas não me sai assim tão bem. Um jornalista repórter tem de ter aquela veia de investigador. Eu prefiro mesmo escrever e como são completamente diferentes, uma actividade não influencia a outra. Um jornalista que escreve bem pode não conseguir escrever um livro, pois têm que se separar as águas, isto é, vou escrever para este público por isso vou arrumar tudo o resto. Pelo menos comigo é assim.

**M: Que autores mais a marcaram?**

**ASL:** Sei lá, foram tantos! Eu sou fã de António Lobo Antunes – mas mesmo fã! - e confesso que comecei a ler um livro dele e deixei-o a meio porque acho que era difícil demais, por isso não estava a conseguir acompanhar, que é “ Não entres tão depressa nessa noite escura”. Esse, confesso, não estava mesmo a conseguir acompanhar o raciocínio. Foi-me oferecido só porque souberam que eu era fã do António Lobo Antunes e cometi aquele pecado de deixar o livro a meio, não consegui acabar de o ler porque sobrepõe vários tempos, aí eu andava completamente baralhada, mas vou outra vez voltar a ele. Mas eu adoro os livros dele. O que gosto mesmo dele é que ele me faz rir, por isso ele é o meu guru da literatura. Não sou fã de Saramago. Li o Memorial do Convento, até gostei da Jangada de Pedra, mas não me fez rir. Para mim um livro – mesmo que tenha uma ironia muito escondida ou uma história dramática – tem de ter sempre um pico de humor, senão não me incentiva a lê-lo até ao fim. Mas mesmo uma admiração muito grande é pelo António Lobo Antunes, mas mesmo sem dúvida nenhuma! Também gosto daquelas coisas

**“Eu às vezes tenho vergonha de dizer isto: nós não podemos dizer que gostamos de certo autor só porque fica bem; ou temos prazer no que estamos a fazer ou então não vale a pena e pronto!”**

mais lamechas, mais para mulheres, como as autoras sul-americanas, como a Laura Esquivel, porque acho que tem muita imaginação e penso que ela não deve ter muitos leitores do sexo masculino. Gostei muito do livro *Como Água Para Chocolate* que também já foi adaptado para o cinema.



**A escritora também ensinou a construir uma história.**

**M: Qual é a obra de que mais gostou?**

**ASL:** Sei lá, todas as do António Lobo Antunes. É que eu não consigo escolher uma. Claro, todas menos “ Não entres tão depressa nessa noite escura”! Gosto muito das crónicas dele, são fabulosas, e como ele escreve para a Visão eu compro a revista só para ler as crónicas.

**M: Que mensagem deixa aos nossos leitores?**

**ASL:** Que comprem o Mocho até esgotar a edição, e que quando sair a edição passem a palavra porque eu penso que é na imprensa que

começam a nascer os bons escritores e os bons jornalistas – porque existem muitos bons jornais escolares aos quais as pessoas dão pouca importância, mas existem mesmos bons escritores nestes jornais. E sei disso porque também participei nalguns jornais escolares, e depois, mais tarde, como jornalista, tive acesso a vários jornais escolares que tinham coisas muito boas e não dão o devido valor a esses escritores. A imprensa escolar deve ser apoiada ao máximo e se não são os próprios alunos a vestir a camisola, não será ninguém. E se possível mostrem aos pais e às famílias. Eu acho que o jornal é por excelência o motor da escola. É esta a minha mensagem: O jornal tem que mexer com os responsáveis escolares.

**Entrevista conduzida por Luís Moitas e Nuno Henriques**